

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Érica Patrícia Monteiro Pacheco Braga

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NAS TURMAS DE TRÊS
ANOS DA UMEI PACAJÁ**

Belo Horizonte
2015

Érica Patrícia Monteiro Pacheco Braga

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NAS TURMAS DE TRÊS
ANOS DA UMEI PACAJÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira

Belo Horizonte

2015

Érica Patrícia Monteiro Pacheco Braga

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NAS TURMAS DE TRÊS
ANOS DA UMEI PACAJÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Maria Carolina da Silva Caldeira – FaE / UFMG

Lívia Maria Fraga Vieira – FaE / UFMG

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo geral tratar da importância da literatura na Educação Infantil. O contato com a literatura deve acontecer desde o berço, desde a mais tenra idade. Quanto antes esse contato for iniciado maior a chance de se formar crianças leitoras. A literatura infantil consegue tocar a criança e auxiliá-la em seu processo de desenvolvimento e para isso este trabalho vem pensar em formas de ampliar cada vez mais e mais cedo o acesso das crianças aos livros de maneiras diversas e prazerosas. Vem verificar qual a visão das professoras das turmas de três anos da UMEI Pacajá, sobre as práticas de leitura literária nos espaços de cuidado e educação, qual a relevância e qual o seu papel no seu exercício diário como educadora. Para tanto, foi feito um acompanhamento nas turmas, verificando as práticas desenvolvidas por meio de aplicação de questionário com as professoras e observação nas turmas, objetivando refletir como e de que forma a intervenção das professoras pode impactar positivamente na relação das crianças com os livros. Para o desenvolvimento da pesquisa trabalhei com os conceitos de educação infantil, literatura e literatura infantil. Concluindo que a literatura contribui para o desenvolvimento infantil e por isso a importância da biblioteca, mesmo que no referido caso, a ausência da biblioteca não impediu a realização de um bom trabalho com a literatura.

Palavras-chave: Educação infantil – Literatura – Literatura Infantil

SUMÁRIO:

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 06 |
| 2. O QUE É EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 08 |
| 2.1 A Municipalização do Ensino | 09 |
| 3. CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 12 |
| 3.1 Contextualização da turma A Bela e a Fera..... | 13 |
| 3.2 Contextualização da turma os Três Porquinhos..... | 15 |
| 3.3 Contextualização da turma A bonequinha Preta..... | 16 |
| 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 18 |
| 4.1 O que é Literatura?..... | 18 |
| 4.2 Concepção de Infância..... | 19 |
| 4.3 Literatura Infantil..... | 20 |
| 4.4 A importância da Literatura Infantil..... | 22 |
| 5. PLANO DE AÇÃO..... | 24 |
| 6. ANÁLISE DOS DADOS..... | 26 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 31 |
| 9. APÊNDICE..... | 35 |
| 9.1 APÊNDICE 1: Questionário..... | 35 |

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe um olhar especial sobre a literatura infantil nos espaços de cuidados e educação. Vem para pensar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores e de que maneira eles organizam os ambientes de leitura na UMEI Pacajá.

Tem como objetivo verificar a visão das professoras sobre as práticas de leitura literária na Educação Infantil e qual a relevância da literatura e o seu papel no exercício diário como educadora. Vem pensar em formas de ampliar cada vez mais o acesso das crianças aos livros, maneiras diversas e prazerosas de facilitar esse contato. Através disso, pretendeu-se refletir como e de que forma a intervenção das professoras pode impactar na relação das crianças com os livros.

Na minha prática como auxiliar de biblioteca da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), observo como as crianças manipulam os livros - quais são os livros de maior interesse; como utilizam a criatividade, imaginação e humor; o cuidado e o valor que dão aos livros; como desenvolvem o gosto pela leitura, enfim, tudo aquilo que abrange esse imenso universo da literatura, da leitura e dos livros em geral. Vivenciar este universo pedagógico me permite observar muitos aspectos que envolvem a educação, a linguagem, a leitura e a escrita de várias faixas etárias.

Sempre trabalhei em escolas de ensino fundamental, e por isso lidei apenas com as crianças maiores, mas meu maior interesse sempre foi buscar conhecer e explorar essas experiências com os livros, a literatura e as crianças menores. Isso se concretizou por meio deste trabalho no qual pude ter o contato com as crianças da Educação Infantil.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizei uma abordagem qualitativa na qual fiz observações em sala de aula e questionários com os professores acompanhados.

O trabalho foi realizado na UMEI Pacajá, situado no bairro Santa Cruz, inaugurada em julho de 2014, e que coincidentemente neste semestre, estava trabalhando um projeto de literatura infantil com todas as turmas. Foi realizado o acompanhamento e observação de três turmas, com idade de três anos, do turno da manhã, nas salas das professoras Edileusa, Anna Carolina e Izabela.

Utilizei como referenciais teóricos alguns conceitos como: Educação infantil, Literatura e Literatura Infantil.

Apresento no segundo capítulo a definição de educação infantil e a sua importância historicamente e sua função pedagógica. Posteriormente percorro sobre o processo de municipalização, para contextualizar o espaço em que desenvolvo a pesquisa (UMEI Pacajá) e as turmas estudadas.

Dando continuidade recorro aos referenciais teóricos para definir e fundamentar este trabalho, e desta forma apresentar o meu plano de ação dentro da UMEI Pacajá, assim como também expor a análise dos dados obtidos para então concluí-lo.

2. O QUE É EDUCAÇÃO INFANTIL

O Plano Nacional de Educação - PNE (2001) conforme a lei nº10172 descreve a educação infantil como a primeira etapa da Educação Básica, pois ela estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional e da socialização. A história da educação infantil é relativamente nova no país e deu-se principalmente a partir dos anos 70 até a atualidade.

Conforme atualização do PNE (2014) fica garantido o atendimento da criança de zero a cinco anos em estabelecimentos que atendam a parâmetros nacional de qualidade, e a articulação com a etapa escolar, visando o ingresso do aluno de seis anos no ensino fundamental.

A educação infantil (de zero a cinco anos) vem crescendo de forma acelerada, demandando um aumento de instituições para cuidado e educação, visto a necessidade da família em trabalhar fora, principalmente com a inserção da mulher no mercado de trabalho. (PNE, 2001)

A Educação Infantil deve ser entendida em amplo sentido, pois ela pode englobar todas as modalidades educativas vividas pelas crianças pequenas na família e na comunidade, antes de atingirem a idade da escolaridade obrigatória. Diz respeito tanto à educação familiar e à convivência comunitária, como à educação recebida em instituições específicas (PROINFANTIL, 2006)

Segundo Kuhlmann, (2003, p.469):

“Pode-se falar de Educação Infantil em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que vive. Mas há outro significado, mais preciso e limitado, consagrado na Constituição Federal de 1988, que se refere à modalidade específica das instituições educacionais para a criança pequena, de zero a seis anos de vários países do continente europeu, com parte de uma série de iniciativas reguladoras da vida social, que envolvem crescente industrialização e urbanização”.

Como citado por Barreto (2006), de acordo com a Constituição de 1988 fica definida a responsabilidade do Estado para com a educação das crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas, definida como educação não obrigatória e compartilhada com a família,

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei 9394/96) ¹

¹ Informações disponíveis em: www.mec.gov.br. Acesso em: 14 set. 2014.

caracteriza a instituição educacional que atende crianças de zero a três anos de Creche, e a instituição que atende crianças de quatro e cinco anos de pré-escola. Ressaltando que na Educação Infantil a avaliação será feita mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para acesso ao Ensino Fundamental.

Com a atualização da legislação, a lei nº 11274, de 2006, fica instituído que o Ensino Fundamental obrigatório será com duração mínima de nove anos e início aos seis anos de idade, com prazo previsto de vigor até 2010, em todo território nacional. (UJIIE, 2008).

Barreto (2006) destaca que a Educação Infantil tem uma função pedagógica, seu trabalho envolve a realidade e conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia com atividades que dão um significado concreto para a vida de cada criança, dando a elas também novos conhecimentos a partir das vivências.

O trabalho de Barreto (2006) citando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, afirma que:

“Cabe ao professor individualizar as situações de aprendizagem oferecidas às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais, cognitivas, assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas”.

O que quer dizer que o professor deve considerar cada criança com sua particularidade e individualidade, pois as crianças não são iguais e cada uma apresenta um ritmo de aprendizagem; cabe a ele oferecer às crianças condições diversas de aprendizagem, tornando acessível, elementos culturais que possam enriquecer o seu desenvolvimento e sua participação social.

2.1 A municipalização do ensino

A municipalização é uma estratégia adotada no Brasil que reconhece o município como principal responsável pela educação de sua população. Municipalizar é transferir para as cidades a responsabilidade e os recursos necessários para exercerem plenamente as funções de coordenação, negociação, planejamento, acompanhamento, controle e avaliação da educação local, controlando os recursos financeiros, as ações e os serviços de educação prestados em seu território.²

A municipalização da Educação, mencionada por Both (1997), salienta que sua abrangência ultrapassa os simples limites do ensino, alargando-se a outras áreas de

² Informações disponíveis em: www.sistemaunicodesaude.weebly.com/municipalizaçao.html. Acesso em: 23 set.2014.

cunho social para, em conjunto, compor aquilo que se pode denominar educação, promovendo dessa forma mudanças de comportamento e bem estar social.

Os municípios ganharam maior autonomia com a Constituição de 1988, uma vez que ela deu destaque à universalização do ensino fundamental e à erradicação do analfabetismo. Com as fontes de financiamento definidas e descentralização normativa, ficou permitido aos estados autorizar a criação de municípios. Com isso os municípios passaram a ter relativa autonomia para gerir seus recursos.

Cabe à União e aos Estados prestar a conexão administrativa e financeira necessárias aos municípios, que são o pilar da construção da democracia e do desenvolvimento da cidadania. A reorganização da rede de ensino serviu de estratégia para começar o processo de municipalização de ensino. A descentralização do poder, a autonomia e a gestão democrática do ensino público, desde 1988 são alicerces que sustentam a atuação do Município.

Com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, houve um fortalecimento da descentralização do ensino. Na década de 90 houve grande modificação no cenário educacional brasileiro. Em decorrência de todas essas leis houve um crescimento da universalização do acesso ao ensino fundamental e o desenvolvimento representativo de matrícula na educação infantil e no ensino médio.

A Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, definiram o papel do município, como ente federativo autônomo, na questão da formulação e da gestão da política educacional, com a criação do seu próprio sistema de ensino. Essas medidas legais definiram também, a colaboração e parceria entre a União, os Estados e os municípios como sendo a mais apropriada para a procura de uma educação eficiente e eficaz e não excludente.

Com a LDBEN, ficou definido que a União deve interferir, preferencialmente, no ensino superior. Os estados no ensino médio e os municípios no ensino fundamental e educação infantil. Com isso surgiu a necessidade da criação das UMEI's.

Criada pela Lei 8679/2003, dentro do Programa Primeira Escola, a Unidade Municipal de Educação Infantil veio atender a um anseio da população de Belo Horizonte, que até então não contava com escola infantil pública em horário integral. Até o ano de 2004, quando foram inauguradas as primeiras UMEI's, não existia nenhum atendimento público infantil. A importância desse projeto e o motivo que o levou a ser referência no Brasil são o caráter multidisciplinar, porque pela primeira

vez arquitetos, engenheiros, pedagogos se reuniram para pensar um padrão de instituição que tivesse a lógica da criança. Dessa forma, toda a organização física dos espaços, a construção, as cores, tudo foi pensado dentro da lógica infantil.³

³ Informações disponíveis em: www.comunidadevimentobh.com.br. Acesso em: 28 fev.2015.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

A UMEI Pacajá é uma conquista da comunidade através do Orçamento Participativo 2009/2010. Foi construída em uma área de 2.013 m² e segue o padrão de construção diferenciado com a metodologia utilizada nas construções usadas em escolas nos Estados Unidos e na Europa, utilizando alta tecnologia aliando agilidade a níveis de segurança e qualidade. Tal obra foi realizada por meio de Parceria Público Privada (PPP) com a INOVA BH, empresa da Odebrecht Properties, sua área construída é de 1.100 m², conta com 10 salas de atividades, berçário, sala multiuso, cozinha, refeitório, banheiros infantis, de adultos e adaptados. Atende cerca de 400 alunos.

A conclusão da obra ocorreu em abril de 2014. A Secretaria Municipal de Educação (SMED) disponibilizou recursos para a montagem, instalação e o funcionamento da mesma. Sendo assim vários esforços foram feitos no sentido de iniciar atendimentos em 19 de maio do mesmo ano. No entanto, seu funcionamento estava condicionado a um redimensionamento da carga de energia elétrica, pois a existente não suportava todos os equipamentos elétricos e eletrônicos da unidade. A equipe de professores lotados para o exercício na UMEI foi solicitada a iniciar suas atividades junto à direção e coordenação no dia 12 de maio. Desde então este grupo está em constante formação/estudo. A UMEI tendo solucionado os problemas da rede elétrica iniciou suas atividades em meados do mês de Julho de 2014.

O Planejamento do Projeto institucional teve como tema no segundo semestre de 2014: “Literatura Infantil: O mundo encantado da imaginação.”

O trabalho pedagógico com as crianças foi baseado na pedagogia de projetos, buscando contemplar as múltiplas linguagens. Foi destacado o brincar como eixo do trabalho, que perpassou todos os projetos, tendo em vista que este permite a criança compreender o mundo que a cerca e construir ideias que envolvem sua realidade.

Para consolidar esse trabalho, tornou-se necessário manter brinquedos e demais materialidades de qualidade na unidade, assim como garantir às crianças e suas famílias experiências culturais que despertassem o gosto pelas artes e o conhecimento de mundo. Nesse contexto, foi necessário também garantir a formação em serviço das professoras levando-as a refletir e reelaborar sua prática pedagógica de maneira sistemática e contínua.

Sempre buscando grande interação com as famílias através de reuniões coletivas e individuais, assim como também atividades culturais prazerosas, possibilitando a todos a compreensão clara do processo educativo e da importância da parceria família escola, assegurando uma relação de proximidade, respeito e compreensão do trabalho, objetivando assim um pleno desenvolvimento das crianças e valorização do trabalho pedagógico da UMEI Pacajá.

A referida UMEI conta com 15 turmas no total, sendo quatro integrais e 11 parciais. Assim conforme a legislação atende crianças de zero a cinco anos. Este trabalho foi realizado especificamente com as turmas de três anos de idade.

3.1 Contextualização da turma “A Bela e a Fera”

A professora Edileusa é responsável pela turma “A Bela e a Fera”, a qual tinha 15 alunos, sendo oito meninas e sete meninos. Era uma turma participativa em todas as atividades propostas. A contação de histórias era constante e as crianças mantinham o interesse por esses “momentos especiais”, como foi denominado pela professora.

A cada história lida e recontada pelos alunos, eram feitas colocações interessantíssimas, dando lugar à imaginação, a arte e a vivências particulares das crianças.

Durante a contação de história, era percebido o envolvimento das crianças, assim como interação com os barulhos feitos ao longo da história, com as vozes dos personagens, dentre outros aspectos. Num certo dia ao contar a história do Patinho Feio, a professora pergunta: O que o patinho falou? Esperando que as crianças fossem responder o que foi dito na história, uma aluna diz: “Quá-Quá uai. Todos os patos falam assim!”. Em outro momento, quando foi contada a história Rapunzel, a aluna disse “Nossa, o cabelo dela raspa no chão!”. Podemos perceber como a literatura encanta, leva a imaginação de todos fluírem e como para eles alguns sentidos são tão literais.

Essa turma realizava muitas atividades relacionadas às histórias, e a valorização da professora em relação aos trabalhos era constante, e uma aluna sempre dizia: “Eu arrasei professora?”, reforçando o desejo e o interesse pelas histórias e realizar as tarefas sempre da melhor maneira.

Foram construídos com os alunos ao longo do semestre, vários materiais que representavam a história que dá nome à sala, e que ao final rechearam a Mostra

Cultural da escola. Atividades como a montagem de livros, a rosa na redoma feita com garrafa pet, blocos referente à história e dentre outros trabalhos que foram realizados ao longo do semestre com a turma, como pode ser visto nas imagens a seguir:



*Figura 1- Atividade com o nome.
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 2-Redoma da Bela e a Fera
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 3-Blocs "A Bela e a Fera"
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 4- Atividade de Joaquina
Fonte: Imagens da pesquisadora*



3.2 Contextualização da turma "Os Três

Porquinhos"

A professora Izabela é responsável pela turma “Os três porquinhos”, a qual tinha 16 alunos, sendo 10 meninas e seis meninos. Era uma turma interessada e que trazia em seus comentários aspectos ligados as realidades vividas no cotidiano em geral.

Após a contação da história dos Três Porquinhos eles fizeram um macacão do lobo com pintinhas pretas, um aluno disse: “Coitado, a roupa do lobo está cheia de catapora”, remetendo a um fato vivido por eles (recentemente um amigo teve catapora). Frequentemente associavam as letras vistas às iniciais dos nomes dos alunos da sala e constantemente associavam os acontecimentos das histórias com suas vivências reais.

Fizeram trabalhos fantásticos ao longo do semestre que posteriormente também foram expostos na Mostra Cultural. Foram feitas com os alunos os três modelos de casas dos porquinhos (palha, madeira e tijolo), os personagens com a professora de artes em papel marchê, bloquinhos, dentre outras maravilhas, como pode ser conferido nas fotos abaixo:



Figura 5- Cenário da história
Fonte: Imagens da pesquisadora



Figura 6- Personagens em papel marchê
Fonte: Imagens da pesquisadora



*Figura 7- Contação de histórias
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 8- Montagem das casas dos três porquinhos.
Fonte: Imagens da pesquisadora*

3.3 Contextualização da turma da “A Bonequinha Preta”

A professora Anna Carolina é responsável pela turma “A Bonequinha Preta”, a qual tinha 17 alunos, sendo seis meninas e 11 meninos. Era uma turma receptiva e comunicativa, tinham como hábito cantar músicas antes das histórias, assim como a interação por meio do abraço.

Acrescentavam comentários interessantes durante a contação de histórias. Quando contado sobre a história da “Menina Bonita do Laço de fita”, e durante a discussão da história, os alunos perceberam e discutiram as diferenças das pessoas dizendo que elas têm cores, cabelos e tamanhos diferentes, mas perceberam também as semelhanças: “Olha C., nós somos iguais, somos marronzinhos também.” Também associavam as letras das histórias às iniciais de seus nomes.

Esta turma tinha o costume de fazer o uso da sala de vídeo, utilizando os filmes também como recurso além das histórias contadas. Foi confeccionada uma bonequinha preta de pano, o gatinho na cesta, dentre outros elementos da história, tudo de forma muito representativa e que também, mais tarde, foi exposto na Mostra Cultural, como pode ser visto nas fotos a seguir:



*Figura 9- Bonequinha Preta feita no prato.
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 10- Blocos Bonequinha Preta
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 12- Alunos assistindo o filme
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 11- Boneca de pano
Fonte: Imagens da pesquisadora*

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 O que é Literatura?

Coelho (2000) define a literatura como uma linguagem que expressa uma determinada experiência humana, por isso é difícil ser definida com exatidão, visto que cada época compreende e produz uma literatura a seu modo, de acordo com os valores e ideais da sociedade que se fundamenta. Essa ideia é confirmada por Lajolo (1990), que cada tempo e grupo social têm sua resposta, sua definição para literatura. No entanto, pode-se dizer que a literatura é, na realidade, uma reunião de diversos aspectos estruturais, sociais e culturais dentro de um texto.

Por meio da leitura literária podemos vivenciar experiências por meio da palavra. Como defende Cosson (2007, p.17):

“A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites dos tempos e do espaço de nossa experiência e, ainda sim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.”

A literatura é um conteúdo que precisa ter e manter um lugar especial nas escolas, pois segundo Cosson (2007), esta possui uma função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas.

Além disso, ela possibilita a todos que a utilizam refletir sobre o mundo, a criar realidades, e ampliar o repertório de linguagem. Retratando assuntos e significados da época, do contexto em que foi escrita, e com isso ela vem cheia de significados e deve ser valorizada, pois serve como agente de formação.

A Literatura é fonte para a formação de leitores críticos. Para se formar leitores literários competentes é preciso desfrutar da literatura lendo, por isso a formação de leitores competentes é um dos grandes desafios da escola e dos professores.

Honorato (2007) afirma que a imaginação vem da riqueza e da diversidade de experiências que criam as necessidades e os desejos, por isso o professor deve propor situações novas nas salas de aula para provocar e proporcionar maiores descobertas pelas crianças. É preciso permitir um brincar e aprender constante, pois

desta forma as crianças passam a ter maior capacidade de desenvolver seu potencial crítico, podendo pensar, duvidar, questionar, gostar ou não, concordar ou não.

É preciso trabalhar com todas as possibilidades que a literatura permite, com as emoções que ela provoca as sensações que ela mobiliza o medo que ela desencadeia, dentre outros.

Enfim, a literatura, é uma forma de comunicação com o mundo que alarga horizontes, permite ao leitor se colocar no lugar do outro e ver o mundo com outros olhos, e permite fantasiar, que é uma necessidade humana, por isso inventamos histórias desde sempre.

4.2 Concepção de Infância

Ao longo da história, a criança foi vista de diferentes maneiras. A infância é um conceito que vem se modificando de forma paralela às mudanças e transformações da humanidade. A maneira como a criança é vista e a percepção de suas necessidades é que determinam as ações tomadas no sentido de atendê-las.

O conceito de infância se estabelece somente na Idade Moderna, intimamente ligada à constituição da família nuclear burguesa. Pereira (2009, p.49) aponta a seguinte situação:

“Na sociedade antiga, não havia ‘infância’: nenhum espaço separado do ‘mundo adulto’. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, morte, doença), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos”.

Com a formação dos Estados Nacionais, a burguesia urbana conseguiu visibilidade e fez valer sua estrutura familiar. Nesse contexto, a família nuclear passou a ter espaço, a mulher e a criança ganharam novo status. Com isso, surgiu a necessidade de preservar vida das crianças. A sociedade burguesa passou a cuidar de suas crianças de uma forma diferente. Primeiro, separou do convívio indiscriminado com os adultos, construindo espaços especiais e protegidos para elas. Um desses espaços foi a escola, que veio para tornar-se o traço de união entre meninos e o mundo, restabelecendo a unidade perdida. (Pereira, 2009).

A escola assumiu então o papel de formar o futuro cidadão burguês, apresentando o mundo à criança com a finalidade de prepará-la para viver nele de

forma adaptada e produtiva.

Antes, a criança era considerada como algo incompleto, imperfeito e ingênuo, que necessitava da mão firme do adulto na sua condução para ser alguém no futuro. Essa visão da infância perdurou por muito tempo. Quanto às crianças que não pertenciam às famílias de posses, nada havia mudado, e a infância continuava a ser vista com o mesmo desprezo (Gewerc, 2014).

A infância não era vista como um período de formação do indivíduo; a criança era vista como um adulto em miniatura, uma etapa a ser ultrapassada para que logo o indivíduo se tornasse um ser produtivo e contribuísse de forma efetiva para a comunidade.

Hoje em dia as crianças são vistas de maneira diferente, possuem direitos e deveres confirmados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por isso devem ser respeitados em suas diferenças crenças, estruturas familiares e dentre outros fatores. Faria (2005) observa que a criança passou a ser vista como um sujeito social, capaz de múltiplas relações, portador de história, produzido e produtor de cultura, e assim é sujeito de direitos.

Como podemos perceber por muitos séculos a infância foi ignorada e somente com mudanças da sociedade, a criança aparece como cidadã. É um acontecimento de importantíssima relevância o qual devemos valorizá-lo e investir sempre buscando garantir todos os direitos estabelecidos por lei para as crianças pequenas, por isso devemos buscar fazer mais e melhor para que esse grande feito não morra novamente.

Enfim, o termo infância foi social e historicamente construído no tempo pelos fazeres e saberes da humanidade, a literatura destinada a essa infância também teve que se adaptar a essas mudanças na busca de novos diálogos.

4. 3 Literatura Infantil

Como frisado anteriormente, a criança era vista em outros momentos da história, como um “adulto em miniatura”, mas com o passar do tempo foi ganhando espaço e voz como membro de uma sociedade. Coelho (2000) complementa que a literatura para este público era uma adaptação de textos escritos para os adultos. Retiradas as dificuldades de linguagem, reflexões ou situações de conflitos que estariam acima do que era possível para a compreensão infantil, as obras literárias eram reduzidas em seu valor próprio, mas atingiam o novo objetivo; atrair o pequeno

leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar ao nível do real ou do maravilhoso.

Paço (2009) discorre sobre nas adaptações literárias podem se observar duas tendências próximas daquelas que já influenciavam a leitura das crianças: dos clássicos, fizeram-se adaptações e do folclore, nasceu os contos de fada, até então quase nunca voltados especificamente para a criança.

A literatura Brasileira para a infância, segundo Honorato (2007) começou próximo da proclamação da República quando o Brasil passava por muitas transformações. A grande urbanização causada pela industrialização vai constituindo diferentes públicos para os quais se destinam os diversos tipos de publicações, inclusive os livros para crianças. Desta forma é entre os séculos XIX e XX que a literatura brasileira ganha destaque na produção didática e literária, dirigida em particular para o público infantil.

No passado as crianças chegavam às escolas com cinco ou seis anos, hoje os pequenos chegam com meses de vida. Anteriormente a estrutura familiar permitia que os primeiros conceitos de desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e de valores sociais pudessem ser apreendidos em casa e no convívio social, no entanto, devido às mudanças da estrutura e da rotina familiar, na qual a maioria dos pais trabalha em turno integral, a educação na primeira infância tornou-se uma tarefa da parceria família e escola, mas muitas das vezes o peso da escola acaba sendo maior nessa formação.

Em tratando da literatura infantil, temos a certeza de quanto maior e mais cedo for o contato das crianças com o livro, assim como quanto mais ler e ouvir histórias, mais possibilidades terão de se apaixonar pela cultura, pela vida, pela história do mundo e pela arte. As crianças constroem sua identidade num processo de socialização a partir das experiências vividas, esse é o poder do encantamento da literatura. E para despertar esse encantamento Teberosky (2003, p.145), sustenta que:

“Prover o espaço das crianças com histórias, poemas ou livros informativos é uma condição essencial para favorecer o acesso à língua escrita e para motivar o desejo de aprender a ler. O espaço da sala de aula deve refletir essa imersão induzida no mundo da escrita sendo atrativo e bem organizado para que os adultos possam movimentar-se com segurança.”

Ainda conforme Coelho (2000), a literatura infantil sugere de imediato a ideia de que os livros destinados a este público sejam belos e coloridos, dedicados a

distração e ao prazer da criança, minimizando a literatura infantil, tratando-a como um gênero inferior, mas em essência a sua natureza, que é atuar sobre as mentes, é a mesma da que se destinam aos adultos, as diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do leitor, que é a criança.

4.4 A importância da Literatura Infantil

O contato com a literatura deve acontecer desde o berço, desde a mais tenra idade. Quanto antes esse contato for iniciado maior a chance de se formar crianças leitoras. A literatura infantil consegue tocar a criança e auxiliá-la em seu processo de desenvolvimento, enriquecendo pontos de vista, ampliando o vocabulário e fluência verbal, o raciocínio crítico, estimulando a imaginação e ampliando sua visão do mundo, como cita Clarice Lispector citada por Bloise (2013) a literatura ajuda a traduzir o mundo, ou a descobri-lo. (Ferreira, 2013)

Peruzzo (2011), afirma que a literatura infantil desemboca o exercício de compreensão, sendo um ponto de partida para outros textos, pois com o passar do tempo, as crianças sentem necessidade de variar os temas de leitura uma vez que, a leitura é a forma mais sistematizada de elaboração da fantasia, passando a ter um nível mais elevado de cultura, estimulando a escolha e a crítica de certos textos.

O hábito da leitura aumenta o repertório das crianças, não apenas de palavras, mas de emoções assimiladas nas personagens literárias. “Vocabulário mesquinho, entendimento escasso”, resumiu Graciliano Ramos citado por Bloise (2013, p. 13)

O esforço da leitura desenvolve capacidades cognitivas como atenção e imaginação, como ressalta La Taille (2013, p.14):

“Com a leitura pode-se ir a épocas nas quais não se pode mais viver. Com a leitura pode-se ir a lugares distantes e inatingíveis. Com a leitura entra-se em contato com pessoas que nunca serão conhecidas pessoalmente. E isso desde a mais tenra idade.”

A leitura para as crianças serve como mediadora de subjetividades e criam-se espaços de intimidade, afeto, interação e descobertas, por isso é preciso fazer da leitura algo irresistível aos olhos das crianças.

Os bebês se nutrem com palavras, à medida que vamos apresentando-lhes o mundo. O convívio constante das crianças com textos literários promove a apropriação da linguagem de todas as formas. A linguagem humaniza, através dela

acessamos a cultura, interagimos uns com os outros, nos comunicamos, educamos e criamos. (Pastorello, 2013)

Como enfatiza Pastorello (2013), a literatura areja as palavras, faz animar a língua, criando novos sentidos. Com o sopro literário as palavras vão a outros lugares e cada leitor se modifica.

Pode-se dizer que a leitura tem um poder transformador. Sendo assim, os pais têm um papel fundamental na construção desse hábito, pois contar e ler histórias já a partir dos primeiros meses de vida de uma criança contribui para o desenvolvimento da linguagem falada e para a aprendizagem da escrita, além de estimular a curiosidade. É preciso trazer sempre a literatura para perto de si, para casa, para a nossa vida. Segundo Feffer (2013, p. 28)

“A oferta de leitura literária promove aproximação entre pais e filhos, educadores e educandos, entre a criança e o cidadão planetário que se tornará conectado, sensível e hábil para atuar em favor de um mundo cuidadoso com todas as vidas.”

Como reforça Guimarães (2013):

“O contato cotidiano com os livros é fundamental para o desenvolvimento do hábito de ler e do gosto pela leitura, pois favorece uma persistente motivação ao desejo ativo de ler. A intimidade com os livros e o prazer da leitura não acontecem repentinamente; trata-se de um longo percurso que se edifica, cuja trajetória deve ter ricas e lúdicas vivências desde os primeiros meses de vida. A escola de educação infantil constitui-se em um espaço essencial para oportunizar as primeiras relações com os livros, visto que, nesse espaço de ampla convivência e diferenciadas situações de aprendizagem, as crianças estão cada vez mais inseridas nesse contexto desde a mais tenra idade.”

Assim como os pais a escola também tem um papel primordial no incentivo à leitura para as crianças pequenas. Com o surgimento das UMEI's a escola tem sido muitas vezes, a primeira e a principal referência destas crianças, pois elas promovem o contato com os livros desde cedo e mais de perto.

5. Plano de Ação

Meu plano de ação foi realizado tendo como ponto de partida o projeto institucional: Literatura infantil – O mundo encantado da imaginação - que foi desenvolvido no segundo semestre de 2014 na UMEI Pacajá.

Acredito que a literatura exerce um grande poder sobre a sociedade e principalmente sobre a criança. Através dela a criança é capaz de criar seu próprio mundo de fantasias, possibilitando-as entender a realidade em que vivem, dando assim a elas capacidade de lidar com situações cotidianas mais facilmente, além de aprender a lidar com seus sentimentos e relacionamentos.

Acompanhei e analisei as práticas de leitura e literatura desenvolvidas em três turmas de crianças de três anos. Cada turma tinha sua história que dava nome à turma.

Estive acompanhando a turma da “A Bela e a Fera” da professora Edileusa; a turma da “A Bonequinha Preta” da professora Anna Carolina e a turma dos “Os Três Porquinhos” da professora Izabela, sendo que em cada turma tem uma média de 16 alunos.

Os encontros com as turmas ocorreram quinzenalmente intercalando entre elas, acontecendo sempre as terças e quartas das 07h30min às 10h00min por serem os dias em que as professoras faziam o projeto no último horário, dando assim para acompanhar a turma num tempo maior sem muitas interrupções, o que colaborou e muito para o desenvolvimento de mais atividades envolvendo a leitura e a literatura.

Nos dias que estive presente nas turmas, acompanhava todas as atividades das crianças e auxiliava as professoras no que fosse necessário. Através desse contato fui tendo uma percepção da visão das professoras nas práticas de leitura, fui observando as intervenções das mesmas e dos alunos nas histórias, tal como suas relações com os livros, dentre outros aspectos.

A culminância do meu plano de ação se deu com uma contação de história do livro “*Uma joaninha diferente*” de Regina Célia Melo, em cada uma das turmas que acompanhei. Posteriormente as crianças fizeram um reconto e uma atividade da joaninha que envolvia colagem e pintura. Percebo que as crianças tiveram bom engajamento na atividade, demonstrando participação e interesse pela mesma, assim como para com a contação de histórias.



*Figura 13- Contação de história
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 14- Manuseio dos livros
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 15- Crianças pintando a história
Fonte: Imagens da pesquisadora*



*Figura 16- Joaninha da história
Fonte: Imagens da pesquisadora*

6. Análise dos dados

A partir dos questionários e dos acompanhamentos pude notar como a literatura infantil tem uma grande importância para as professoras. Ao serem questionadas sobre a relevância da literatura na educação infantil, as professoras respondem que ela “nos remete ao mundo da imaginação. Através dos livros é possível conhecer mundos novos, viajar nas páginas cheias de desenhos e emoções”. Outra professora, responde que, além da fantasia, é possível “inserir a criança no mundo letrado, tendo contato com letras, formas, figuras”. Percebe-se, assim, que além de inserir a criança no mundo letrado, enriquece o vocabulário das crianças e permitir acesso ao conhecimento de forma lúdica.

Elas utilizavam várias estratégias para superar a falta da biblioteca, uma vez que o espaço existe, mas é utilizado como sala de vídeo. Uma professora relata que elas “preparam o ambiente e fazem uso de fantoches, caixas, imagens, vídeos, músicas, registros e recontos”. Também citaram que “gostam de utilizar livros bem coloridos e que envolvam a turma em geral”. Não foi possível notar nos relatos a preferência por um autor, pois “ao restringir o trabalho em autores específicos, acaba por tirar as vontades e opiniões das crianças” justifica uma das educadoras.

Tamanha a importância da literatura para as professoras, que elas relatam trabalhar com histórias diariamente com várias finalidades “seja no início ou no fim das atividades, para acalmar o ambiente após o recreio ou para um momento de descanso”. Histórias fazem parte da rotina das turmas e é um momento muito esperado pelas crianças. Um relato em comum entre as professoras é “que as crianças aprendem a ler lendo e manuseando, o contato com os livros cada vez mais cedo estimula o interesse e a curiosidade”.

A contação de histórias fortalece vínculos entre colega e entre aluno e professor. Só se forma leitores competentes por meio de atividades de leitura, e estas devem ser compatíveis com a capacidade de leitura do indivíduo, mas para isso é preciso oferecer meios e estímulos para que o leitor consiga vencer etapas, pular barreiras, decifrar novos códigos e se tornar cada vez mais plural.

Segundo Abramovich (2008, p.17), a contação é o primeiro contato e interação que ocorre entre criança e texto, propiciando a ela a apreciação da beleza da história mesmo sem saber ler.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto, ou com o jeito de escrever de um autor e, então poder ser um pouco cúmplice desse

momento de humor, de brincadeira, de divertimento.

Como ressaltam Saraiva, Mello e Varella (2001), mesmo antes da alfabetização, é essencial incorporar às práticas diárias da instituição de educação infantil o texto literário para a construção do conhecimento da criança. Para Carvalho (2005), preparar para aprender a ler é, principalmente, despertar o desejo e a vontade de ler. Segundo a autora, as histórias lidas ou narradas para as crianças aguçam a imaginação e o sonho e contribuem para a ampliação de sua expressão verbal.

Acompanhei as turmas com certa frequência, com o objetivo de verificar como as professoras utilizam de práticas de leitura na sala de aula, uma vez que a unidade não dispõe de uma biblioteca exclusiva para tal, assim como ver, propor ações e intervenções onde o livro literário fosse a peça chave.

7. Considerações Finais

Acredito que meu acompanhamento e desenvolvimento de atividades literárias neste espaço de cuidado e educação, foram de grande significado e proveitoso, tanto para mim como para todos os envolvidos nesse processo.

Durante o processo pude observar a receptividade das crianças, ao associarem minha presença ao momento de histórias. Durante a contação das histórias era perceptível o envolvimento e concentração dos pequenos nas histórias, assim como nos recursos utilizados, tais como ilustrações, fantoche e dentre outros.

Por meio da contações realizadas, foi possível perceber que as crianças fazem inferências, antecipações e relacionavam a história ouvida com os conhecimentos que já possuem, construindo assim significado para o texto. Nos diálogos das crianças com as professoras ou comigo, elas revelaram que são capazes de recontar as histórias ouvidas assim como reconstruir a sequência dos fatos narrados. Além disso, ficou evidente que elas têm interesse em ouvir histórias, já que sempre perguntavam para as professoras qual seria a próxima a ser lida, e a mim, qual seria o dia que retornaria para mais momentos como aquele.

Fiquei satisfeita em ver como esse momento é importante e esperado por eles e também pelas professoras. Quão valor é dado a essa prática, seja ela a contação, a exibição de um filme, uma ilustração ou atividade a respeito.

A culminância do projeto se deu com uma contação de histórias feitas por mim em cada uma das três turmas, com manuseio de livros, conto da história pelos alunos e atividade realizada de acordo com o assunto da história.

Ao longo do acompanhamento pude perceber a evolução das crianças na contação das histórias. Cada vez mais participativas, com mais gestos, exemplos e vivências a respeito, demonstrando muitas vezes seus desejos e insatisfações.

Outro ponto que considero de fundamental importância é a liberação para que os alunos possam manusear e sentir os livros, pois para despertar o interesse nas crianças pequenas é necessário que elas presenciem atos de leitura, manuseiem materiais escritos, estes sempre de preferência aliados a motivos estimulantes e prazerosos. Através desse primeiro contato o desejo é despertado, a apreciação acontece e surgem perguntas e encantamentos e até mesmo as primeiras leituras porque elas já lêem mesmo antes de saberem ler de fato. De acordo com Kobayashi (2011,p.60), *a criança aprende a ler, lendo*.

Sempre deve haver incentivo aos professores para manterem o hábito de promoverem atividades oriundas de textos e histórias; sempre dar suporte e materialidade para realização das propostas; promover contato com diversos gêneros e livros, assim como foi observado na UMEI Pacajá.

As crianças leitoras do mundo de hoje tem muitas necessidades, pois hoje em dia ela é leitora de múltiplos códigos com as novas tecnologias. A criança é parte atuante e transformadora da sociedade e do mundo. Por isso devemos ampliar suas competências como aluno leitor. E para isso devemos buscar soluções práticas e fáceis para desenvolvermos ambientes favoráveis a esse processo tendo um olhar mais atento às múltiplas linguagens propostas hoje em dia na sociedade, pois atualmente a voz da criança já se faz ouvir, ela tem voz e vez.

Esse trabalho veio reforçar e destacar meu papel como mediadora literária na biblioteca onde atuo dia a dia e estando em contato constante com as crianças e com os livros acredito que tenho um papel de influenciar positivamente as crianças, incentivando-as e favorecendo a elas boas condições de leitura nas quais elas possam cada vez mais despertar o seu interesse e colocando-as em busca de uma maior autonomia e competência ao ler. Devo servir de exemplo e de mola impulsionadora para despertar o interesse, favorecer a ação e buscar sempre novidades para tornar o ato de ler prazeroso e envolvente.

Percebo que no referido caso, a falta da biblioteca não foi uma barreira para a execução de um bom trabalho referente à literatura. No entanto acredito que o espaço da biblioteca proporciona um contexto diferenciado, por ser um lugar onde o contato com os livros é mais intenso e a organização do ambiente em si potencializa o envolvimento com a atividade literária.

Concluo que não devemos impor a leitura para as crianças, pois para se desenvolver o gosto pela atividade, são necessários motivação e tempo, sendo apresentado gradualmente de forma rica e lúdica, preferencialmente desde os primeiros meses de vida. A educação infantil tem um espaço essencial para oportunizar as primeiras relações com os livros, visto que neste espaço de ampla convivência, é possível experimentar situações diferenciadas de aprendizagem e práticas motivadoras para tal. A leitura é um bem cultural que potencializa encontros e outros meios de comunicação entre as crianças e adultos.

Por isso devemos ter a sensibilidade para perceber o que cada criança deseja ler e o que é mais motivador para a mesma, assim como ter a escuta para a opinião que ela traz sobre o que foi oferecido. Para isso devemos ter mentes abertas para aprender com as possibilidades de leitura e ampliar nossa visão sobre o que a criança pode nos ensinar, construindo esse conhecimento por meio da leitura de bons livros e com professores bem preparados para as atividades diárias no espaço escolar, assim como as que tive a oportunidade de acompanhar.



*Figura 17- Professoras UMEI Pacajá e pesquisadora
Fonte: Imagens da pesquisadora*

8. Referências Bibliográficas:

A UMEI veio atender ao anseio da população por educação infantil pública em horário integral. 2010. Disponível em: www.comunidade.movimentobh.com.br. Acesso em: 28 fev.2015.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2008.

BARRETO, Luciani G. Machado *et al.* A história da Educação Infantil: Centro de Educação Infantil Eusébio Justino de Camargo Nova Olímpia- MT. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/luciani.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2015.

BLOISE, Paulo. Traduzindo o mundo In: FEFFER, Daniel, *et al.* **Pra que serve a literatura?** São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2º. ed- 2013, p. 12-13.

BOTH, Ivo José. **Municipalização da educação**: uma contribuição para um novo paradigma de gestão do ensino fundamental. Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 14 de setembro de 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise e didática. 1ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: Teoria e Prática. São Paulo: Contexto, 2007, p. 14-17.

FARIA Ana Lúcia G. **Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica**. Educação e Sociedade. Campinas. V.26.n.92, p.1013-1038, out.2005.

FEFFER, Daniel. Ler é preciso. In: FEFFER, Daniel, *et al.* **Pra que serve a literatura?** São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2º. ed- 2013, p.28.

FERREIRA, Maria Betânea. Literatura desde o berço. In: FEFFER, Daniel, *et al.* **Pra que serve a literatura?** São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2º. ed- 2013, p. 9-11.

GEWERC, Monique. Atendimento a criança: uma perspectiva histórica. In: **Presença pedagógica.** Belo Horizonte v.20. N.118, p.42-47, jul/ago.2014.

GUIMARÃES, Rosele Martins. Livros para ler, explorar e imaginar. In: **Pátio-Educação Infantil.** Ano XI. ABR/JUN 2013.

HONORATO, Aurélia. **A Linguagem da Literatura como encantamento na escola.** Trabalho apresentando na 30º reunião anual da ANPED. Caxambu, 2007. Disponível em: 30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3483—Int.pdf. Acesso em: 10 abr.2015.

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro. **Meu livro é um brinquedo.** XI Congresso Paulista de educadores. Águas de Lindóia, 2011, p. 60-61.

KUHLMANN JR, Moyses. **Educando a infância brasileira.** 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000 (2º. ed., 2000, 3. ed., 2003), p. 469-496.

LA TAILLE, Yves. Leitura e liberdade In: FEFFER, Daniel, *et al.* **Pra que serve a literatura?**. 2º.ed- São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2013, p. 14-15.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura?**. 12º Edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias.** 6º ed. São Paulo: Ática, 2004.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. 1996. Disponível em: www.sistemaunicodesaude.weebly.com/municipalizaçao.html. Acesso em: 23 set.

2014.

MELO, Regina Célia. Uma joaninha diferente – 14. ed. – São Paulo: Paulinas, 2007.

PAÇO, Gláucia. M. Aguiar. O encanto da Literatura Infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão. Mesquita, 2009.

PASTORELLO, Lucila. Arejando Palavras: linguagem, literatura e leitura In: FEFFER, Daniel, *et al.* **Pra que serve a literatura?**. 2º ed. São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2013, p. 20-21.

PEREIRA, Mara Elisa Matos. A literatura infanto-juvenil: origem. In: **Literatura Infantil**/ obra organizada pela Universidade Luterana do Brasil.- Curitiba: Editora IBpex, 2009, p. 47-61.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em: 11 de abril de 2015.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - Janeiro 2014. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/component/content/article?id=383:plano-nacional-de-educacao>. Acesso em: 11 de abril de 2015.

PROINFANTIL, coleção módulo I. unidade 4. livro de estudo - vol. 2. Karina Rizek Lopes (Org.) Roseana Pereira Mendes (Org.) Vitória Líbia Barreto de Faria, Brasília 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 14 set. 2014.

Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

SARAIVA, Juracy Assmann; MELLO, Ana M ;VARELLA, Noely Klein. Pressupostos teóricos e metodológicos da articulação entre literatura e alfabetização. In: SARAIVA, Juracy. A. (Org). **Literatura e alfabetização**: do

plano do choro ao plano da ação. Artmed: Porto Alegre, 2001.

TEBEROSKY, Anna; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever: a prática de ler histórias**. Porto Alegre. Artmed, 2002, p. 145.

UJIE, Nájela Tavares. **Ensino Fundamental de Nove anos: Análise e Perspectiva de Ação**. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 5, n. 2, p. 37-45, dez. 2008.

8. Apêndice

8.1 Questionário:

1. Você acha relevante trabalhar a literatura na Educação Infantil? Por quê?

2. Quais as estratégias você utiliza para trabalhar a literatura com as crianças?

3. Quais são os livros ou autores de preferência que são mais trabalhados envolvendo a literatura?

4. Dentro da sua rotina semanal de atividades, com qual frequência a literatura é trabalhada?

5. Qual sua opinião sobre o impacto da intervenção das professoras na relação das crianças com os livros?